

Fábrica de controle de pensamentos: doutrinação e propaganda na perspectiva de Noam Chomsky

Hadassa Ester David

Universidade de Brasília

E-mail: hadassaester.david@gmail.com

Resumo

Neste artigo, a observação se dá a partir de um contexto específico dentro do quadro analítico do linguista, filósofo e ativista Noam Chomsky: a ocasião da implantação da Nova Ordem Mundial. Como um crítico ferrenho da política externa norte-americana, sua análise é inerente às mudanças na ordem internacional desencadeadas logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-45). Chomsky expõe o plano norte-americano de dominação ou supremacia global cujo intento primordial era a conquista da chamada “Grande Área”, lançado no pós-guerra, deflagrando então a Guerra Fria. O pensador discute as contradições e as farsas da guerra e do estado terrorista, bem como avalia as tentativas de doutrinação

por meio da propaganda e seus mecanismos de persuasão, manipulação e controle do juízo popular na busca da formação de uma opinião pública favorável ao *establishment* e a manutenção do status quo. Uma das mais certeiras táticas da propaganda observadas por Chomsky é a linguagem utilizada com o intuito de solapar ou enaltecer ideologias. O discurso e a palavra são elementos fundamentais para compreender a propaganda à luz do pensamento de Chomsky. A propaganda faz emergir termos de fachada, isto é, significantes com significados previamente disfarçados para evocar conotações equivocadas e desvirtuar ideias e fatos. Neste sentido, o significado ‘comum’ não corresponde ao ‘sentido doutrinário’.

Palavras-chave: guerra fria; nova ordem mundial; doutrinação; propaganda.

Abstract

In this article, the observation comes from a specific context in the analytical work of the linguist, philosopher and activist Noam Chomsky: the occasion of implantation of the New World Order. As staunch critic of US foreign policy, his analysis is inherent to changes in the international order that began just after World War II (1939-45). Chomsky exposes the American plan of domination or global supremacy whose primary intent was conquest of so-

called "Grand Area", launched after the war, which triggered the Cold War. The thinker discusses the contradictions and farces of the war and the terrorist state, as well as evaluating the attempts of indoctrination through propaganda and its mechanisms of persuasion, manipulation and control of popular judgment in the search for the formation of a public opinion favorable to establishment and maintenance of the status quo. One of the most effective tac-

Data de submissão: 31/05/2017. Data de aprovação: 30/06/2017.

A *Revista Estudos em Comunicação* é financiada por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *Comunicação, Filosofia e Humanidades (LabCom.IFP) UID/CCI/00661/2013*.



tics of propaganda observed by Chomsky is the language used to undermine or exalt ideologies. Speech and word are fundamental elements in understanding propaganda in light of Chomsky's thinking. Propaganda brings forth facade terms, that is, sig-

nifiers with previously disguised meanings to evoke misconceptions and misrepresent ideas and facts. In this sense, the 'common' meaning does not correspond to the 'doctrinal sense'.

Keywords: cold war; new world order; indoctrination; propaganda.

Introdução

HOJE, um dos intelectuais mais respeitados da atualidade, Noam Chomsky destacou-se como ativista, sobretudo, na década de 60, ao participar de protestos e condenar a ação dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã (1955-1975). Crítico contundente dos desígnios imperialistas, denuncia e atribui, sobretudo, a culpa norte-americana em intervenções nos países do chamado Terceiro Mundo, bem como o apoio militar cedido a Israel e Arábia Saudita, e envolvimento em Cuba, entre outros.

Não obstante, seu interesse em observar conflitos e guerras começa ainda na infância quando escreve um artigo relatando a queda de Barcelona, até então um polo de resistência dos anarquistas, durante a Guerra Civil Espanhola, em 1939. No texto, Chomsky lamenta, inclusive, a ascensão do fascismo. Cercado em sua juventude pela propagação de regimes totalitários, ele foi despertado desde cedo para o exercício da reflexão e interpretação dos acontecimentos, com um interesse especial para acompanhar a utilização de mecanismos e estratégias da propaganda em suas tentativas de manipulação e controle, bem como as fórmulas e desvios empregados com o propósito de manter determinados fatos ocultos da população.

O adolescente Chomsky ficou impressionado pelas contradições óbvias existentes entre suas próprias leituras e as reportagens da imprensa dominante. A medida da distância entre as realidades apresentadas por essas duas fontes e a avaliação do motivo da existência de uma lacuna assim continuou sendo uma paixão para Chomsky. Ele procurou com persistência as marginalizadas perspectivas literárias de esquerda nos acontecimentos históricos atuais e, gradualmente, conscientizou-se de que a visão monolítica do mundo, trazida até nós pela mídia dominante, é suspeitamente coerente e usada para estabelecer o *status quo*. (Barsky, 2004, p. 48)

Seria justamente recorrendo a fontes e documentos alternativos que ele escreveria um trabalho exaustivo, incisivo e meticuloso sobre o que então considera como a grande ocasião de testes da propaganda para a fabricação de “inimigos” e “ameaças”, incluindo os recursos doutrinários de grande sucesso para a manipulação e controle do popular. O referido contexto é o pós-Guerra, período de emersão de uma Nova Ordem Mundial sob o pano de fundo da Guerra Fria. Aí encontram-se as bases e noções para uma teoria da propaganda sob a perspectiva de Noam Chomsky.

Para obter sucesso, as verdadeiras intenções das mensagens deveriam estar, mormente, implícitas e subentendidas, já que a manipulação sutil seria a fórmula mais inteligente, a qual impediria

maiores perigos, bem como resultados e efeitos indesejados. Como linguista, a palavra é um forte elemento na análise de Chomsky, e é por meio da observação de vocábulos que ele argumenta e debate os elementos que tencionavam lograr e ludibriar o público, respaldados sob um manto de hipocrisia e apelo ao cinismo, capazes até de se tornarem motivo de escárnio, quando disfarces sequer eram utilizados.

Portanto, a retórica da propaganda revela que nem tudo é o que parece. Um nome ou conceito pode não ser aquilo conforme se expressa, por isso não deve ser tomado como sendo a coisa em si. E a confusão pode ser proposital, intencional, criada justamente para enganar e distorcer os sentidos. É o que Chomsky denomina ‘pilhagens linguísticas’, na medida em que o espectro de doutrinação conduzido pela propaganda faz emergir expressões de fachada ou artifícios retóricos previamente camuflados e mascarados de maneira a evocar conotações equivocadas e ainda desvirtuar ideias e fatos.

1. Propaganda de guerra

Entre os acontecimentos históricos amplamente baseados na propaganda, ou seja, aqueles que dependem de retórica e persuasão para que permaneçam em vigência, estão as guerras. Como disse certa vez um senador americano chamado Hiram Johnson, “Na guerra, a verdade é sempre a primeira vítima”. Sobre a propaganda de guerra, Luiz Amaral (1996, p. 36) escreve: “A propaganda de guerra mostrou as diversas maneiras como um fato pode ser apresentado, interpretado, manipulado – ou simplesmente criado”. E ainda nas palavras de uma das maiores correspondentes de guerra do século XX, Martha Gellhorn (2009), uma coisa é a guerra de verdade, a do *front* de batalha, e outra, a guerra da propaganda, a de mentiras.

Os estudos sob a perspectiva dos efeitos, próprios da *Mass Communication Research*¹, estão articulados historicamente a épocas de guerra, circunstâncias em que é possível exercer com maior intensidade e impacto, a influência dos meios de comunicação de massa. Nessa conjuntura, a propaganda age de forma a arregimentar e controlar as opiniões e crenças, sem recorrer à força física, ao contrário do que ocorre nos campos de batalha. E ainda, quando se trata de guerra, controlar as mentes e atitudes das pessoas significa, prioritariamente, induzir medo e ódio.

Como uma lavagem cerebral, a propaganda passa a justificar o terror e a violência praticados, uma tática também muito conhecida pela propaganda nazista de Adolf Hitler e Joseph Goebbels durante a Segunda Guerra (1939-45). “A propaganda política patrocinada pelo Estado, quando apoiada pelas classes instruídas e quando não existe espaço para contestá-la, pode ter consequências importantes. Foi uma lição aprendida por Hitler e por muitos outros e que tem sido adotada até os dias de hoje” (Chomsky, n.d, p. 13).

De acordo com o professor Guilherme Nery Atem (2008), paralelamente à guerra das bombas, há a guerra pela sedução da opinião pública, a chamada “guerra semiótica”, um verdadeiro show simbólico orquestrado pelos meios de comunicação. Tal condição é respaldada por Chomsky, quando conceitua a guerra como ideológica, mais especificamente “Guerra Política e Psicológica,

1. Também denominada Pesquisa Norte-Americana, foi desenvolvida entre os anos 1920 e 1960. Entre os principais grupos e abordagens que envolvem a utilização dos meios de comunicação aparecem os estudos sobre os efeitos, a teoria da informação e a corrente funcionalista.

utilizada para controlar os elementos populares e para manipular as massas” (Chomsky, 1996a, p. 78). Logo, a doutrinação é definida como o bombardeio simbólico de conteúdos ideológicos.

Antes, o termo “propaganda ideológica” foi utilizado abertamente e livremente para controlar o juízo público, porém adquiriu uma conotação ruim durante a guerra por causa de Hitler, e então o termo saiu de uso. Hoje utilizam-se outros termos. Mas, entre as décadas de 1920 e 1930, o que fazia a indústria de relações públicas, era descrito como propaganda ideológica. (Chomsky, n.d, p. 12)

Chomsky reitera, inclusive, que o uso do termo propaganda ideológica seria mais honesto, embora este também não esteja restrito ao conceito de propaganda de guerra. Conforme esclarece, toda propaganda, em si, é uma arma ideológica, já que é um canal por onde circulam as ideologias. Ele abrange nessa concepção desde a propaganda de guerra, à propaganda política em tempos de paz até a propaganda comercial. Ambas se valeriam da mesma lógica de marketing, “um esforço para criar carências artificiais, para controlar o modo como as pessoas enxergam as coisas e pensam sobre elas. Muito do marketing vem da propaganda ideológica, de ter todo esse lixo jogado em cima de você” (Chomsky, n.d, p. 71).

Ademais, não é só nas guerras que existe a ânsia em exercer o controle sobre opiniões e crenças. Entretanto, com a fragilidade e vulnerabilidade próprias desses períodos, os abusos decorrentes da disputa pelo poder atuam de forma a contribuir para a maximização da influência doutrinária, trazendo à tona reações e patologias que serão oportunas, como também outras formas de desvio de foco e atenção, tendo como objetivo final manter os fatos, os trâmites e as ações longe da interferência do público.

A expansão da hegemonia ou soberania norte-americana se deu no período que compreende a Guerra Fria, logo após a Segunda Guerra, e foi marcada por abusos de poder, violência, desolação e destruição, acentuando ainda mais as crescentes catástrofes e desigualdades das regiões que sofreram intervenções e invasões. Tudo com a devida conivência e aquiescência graças às campanhas de propaganda. Ao público interno era permitido mentir, enganar, manipular, controlar; ao externo: ameaçar, invadir, matar.

A história norte-americana é repleta de conflitos, e na maioria das vezes a violência e a agressão estiveram presentes [...] sempre foi assim na forma como o país lida com seus inimigos externos, como exemplos clássicos, a Guerra do Vietnã e a bomba atômica lançada sobre o Japão ao fim da Segunda Guerra Mundial. Não só a história, mas o próprio cidadão americano exerce uma espécie de “culto à violência”. (Prado, 2006, p. 27)

Segundo Chomsky, os Estados Unidos são os maiores terroristas do mundo, sendo que, sobretudo no governo de Ronald Reagan (1981-89), o terror era tido como um eixo da política externa. Nesse período foi criada a segunda² mais influente agência de propaganda: o Gabinete de Diplomacia Pública. A importância da propaganda como um mecanismo eficiente de controle é tamanha que “o governo tem, há anos, contado com um sistema de propaganda para negar as verdades” (Chomsky, 1996b, p. 25).

2. [...] “não foi a primeira da história dos EUA, mas a segunda; a primeira ocorreu durante o governo Wilson, em 1917. Mas essa foi muito maior, de muito mais alcance, foi um importante esforço para a doutrinação do público” (Mitchell & Schoeffel, 2005, p. 17).

Com relação à persuasão, temos sustentado que os media não são, apesar de tudo, tão terrivelmente poderosos, mas não obstante temos informado sobre seus êxitos impressionantes em causas tão variadas como a promoção de intolerância religiosa, a venda de bônus de guerra, a crença no sistema norte-americano. (Klapper, 1957, p. 163)

O termo terrorismo é definido nos manuais militares como a utilização calculada, para fins políticos ou religiosos, da violência, da ameaça, da intimidação, da coerção ou do medo, uma prática amplamente adotada no avanço sobre a Grande Área.

O terror tem de ser avaliado por “uma análise de custo-benefício” moderada, que procure determinar se “o total de sangue e miséria provocado” será produtivo à “democracia”, no sentido especial da cultura e política norte-americana. Como a agressão, o terror deve satisfazer os critérios pragmáticos de eficácia, nada mais. (Chomsky, 1996a, p. 68, grifo do autor)

É importante ressaltar que a propaganda encara como “terror” somente se aplicada contra os EUA, enquanto se exercido pelo complexo industrial-militar norte-americano o termo utilizado é defesa ou contraterrorismo.

É equívoco pensar que o terrorismo seria o instrumento dos fracos. Como a maioria das armas mortíferas, o terrorismo é, antes de tudo, a arma dos poderosos. Quando se diz o contrário, é unicamente porque os poderosos controlam também os aparelhos ideológicos e culturais, que permitem que o terror deles seja visto como uma coisa diferente do terror através de uma arma poderosa: a propaganda. (Chomsky, 2001)³

Chomsky (1996c, p. 126) explica que os métodos utilizados estavam circunscritos ao “terror clandestino, mantido oculto da população interna, ou à demolição “rápida e fulminante” de “inimigos muito mais fracos”, após uma enorme campanha de propaganda, expondo-os como monstros de poder indescritível”. A propaganda precisa atuar de modo a obstruir o raciocínio facilitando a instauração do pânico, da raiva e do ódio em direção a alvos previamente definidos. Portanto, o grande êxito da propaganda se deu justamente no sentido de deixar o caminho livre para investimentos estrangeiros e expansão de negócios pelos poderosos.

Para Chomsky, a doutrinação pela propaganda queria incutir a crença de que os Estados Unidos seriam os grandes defensores da democracia no mundo e mantenedores da paz mundial, dotados das melhores intenções, resguardando tais princípios a qualquer o custo. No entanto, “Os Estados Unidos consideram seus próprios interesses. A integridade de outras nações americanas é um incidente, não um fim” – assim como os interesses do “rebanho desnorteado” em casa” (Chomsky, 1996a, p. 156)⁴.

Assim, a estrutura convencional de interpretações criada pela propaganda, apresentava as intervenções como “missões altruístas de misericórdia” em outros países, as quais eram justificadas por motivos de ações de benevolência e humanitárias. E os termos de fachada mais importantes para o controle do público eram dissuasão e contenção.

Havia uma constante encenação por interesse humano cujo efeito psicológico ajudava a mascarar as ações cometidas. “O mais interessante, porém, é a fácil aceitação da doutrina de que

3. Disponível em: www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=346. Acesso em: 17 set.2016.

4. Chomsky cita a fala do secretário de Estado Lansing, baseada no pensamento do presidente Wilson.

temos o direito de usar nosso poder de modo arbitrário para chegar aos nossos fins, e que o que finalizamos por meio da violência e da estrangulação é “justo” (Chomsky, 1996a, p. 67).

A grande questão é que não há esforço ou luta para a manutenção da democracia em sua singularidade, pois, segundo Chomsky, este é um conceito subestimado nos Estados Unidos porque não é feita pelo e para o povo. Existe, portanto, um desprezo pela democracia.

Veja o termo *democracia*. De acordo com o significado comum, uma sociedade é democrática para que extensa parte do povo possa participar, de modo significativo, da direção de seus interesses. Mas o sentido doutrinário de democracia é diferente: ele se refere ao sistema no qual as decisões são tomadas pelos setores da comunidade empresarial e a elite a ela relacionada. (Chomsky, 1996c, p. 112, grifo do autor)

Há uma imposição de uma democracia no sentido norte-americano, aquela que não representa a população, mas garante os privilégios das elites dos setores dominantes. Os Estados Unidos é “um país altamente não democrático, que utiliza uma combinação de tipos de violência, coerção, repressão e uma crescente propaganda ideológica para prevenir os perigos” (Chomsky, n.d, p. 17).

2. Fábrica do Embuste

O grande temor em relação aos países de Terceiro Mundo era a liberdade e a independência, o desenvolvimento e a industrialização próprios para atender as necessidades de seu povo, sendo a “ameaça do bom exemplo” qualquer desafio à ordem e ao sistema. E o grande perigo nisso era a possibilidade de inspirar outros a fazerem o mesmo.

O nacionalismo independente (“ultranacionalismo”, “nacionalismo econômico”, “nacionalismo radical”) é inaceitável, qualquer que seja sua coloração política. A “função” do Terceiro Mundo é fornecer serviços para os ricos, oferecendo trabalho barato, recursos, mercados, oportunidades para investimento e (ultimamente) exportação de poluição, juntamente com outras mercadorias (refúgios para a lavagem de dinheiro das drogas e outras operações financeiras irregulares, turismo etc.) [...] O “ultranacionalismo”, que parece ter sucesso em termos que podem ser significativos para os povos pobres em todos os lugares, é ainda um crime mais hediondo; o réu é denominado um “vírus” que pode espalhar a “infecção” por todos os lugares, uma “maçã podre” que pode “estragar o barril”, como a Guatemala de Arbenz, o Chile de Allende, a Nicarágua sandinista e muitos outros. Seja como for, estilizado em sombrios contos sobre dominós caindo, o temor constante é o efeito demonstrativo de uma bem-sucedida trajetória independente. (Chomsky, 1996a, p. 99)

Foram criados os conceitos de moderado e radical, que respectivamente se referiam àqueles que obedeciam e desobedeciam aos mandos e desmandos do sistema econômico cujo comando estava sob as rédeas dos Estados Unidos. Destarte, o que chamam de democracia nada mais é que a aplicação dos princípios de mercado baseado nos interesses das elites dos setores dominantes, na configuração do “sistema neoliberal de “mercado livre”, que canaliza os recursos aos ricos e investidores estrangeiros” (Chomsky, 1996b, p. 12).

Sendo assim:

[...] Os Estados Unidos criam uma forma de democracia de cima-para-baixo que mantém as estruturas tradicionais do poder, basicamente as empresas e seus aliados, no controle efetivo da nação. Qualquer forma de democracia que respeite essencialmente essas estruturas tradicionais é aceita; qualquer modalidade que diminua o seu poder continua a ser intolerável. (Chomsky, 1997, p. 09)

A propaganda e a doutrinação possuem a capacidade de atuar exatamente junto à opinião pública, na fabricação da aquiescência ou consenso junto às classes instruídas, as grandes aliadas dos poderosos. Já com o restante do público são inseridos os devidos desvios para garantir maior alienação possível quanto à arena política, além de sua completa exclusão da arena econômica.

Porque, em uma democracia, você tem que controlar as mentes das pessoas. Não pode controlá-las pela força. Há uma capacidade limitada para controlá-las pela força e, uma vez que têm de ser controladas e marginalizadas, como “espectadores da ação” e não “participantes”, conforme Walter Lippmann explica, você tem de lançar mão da propaganda. Isso era muito bem compreendido. Era uma reação muito razoável. Você pode buscar as raízes disso no século 17 e na primeira revolução democrática. (Chomsky & Barsamian, 2003, p. 234)

A disseminação de mensagens persuasivas foi realizada convenientemente de forma a conquistar anuência e apoio, bem como para domar o chamado ‘rebanho desnordeado’.

[...] “o povo deve ser posto em seu lugar” para que, assim, os “homens responsáveis” possam “viver livres do atropelo e do rugido de um rebanho desnordeado”. Em uma democracia, sustentava Lippmann, esses “estranhos intrometidos e ignorantes” realmente têm uma “função”: ser “espectadores interessados da ação”, mas não “participantes” [...]. (Chomsky, 1996a, p. 112)

Portanto, esse é o mecanismo que precede a ação da propaganda à mercê dos interesses dominantes, que criam – por meio de serviços de relações públicas – as mensagens visando determinados efeitos, influências e impactos em atitudes e comportamentos do povo. Os chamados “homens responsáveis” são os estrategistas que gerem o sistema de doutrinação, tendo como alvo o controle do juízo público, numa eterna luta pela mente dos homens.

Sistema este formado por organizações industriais empenhadas em programas refinados de relações públicas. “As relações públicas se desenvolveram no início do século XX como uma profissão que respondia ao público, recém-definido como irracional, e não analítico; espectador, e não participante; consumidor, e não produtivo, e que ajudava a moldá-lo” (Schudson, 2010, p. 157). A profissão de Relações Públicas foi inaugurada por Ivy Lee, considerado o primeiro agente de relações públicas, cofundador, em 1905, da agência de relações públicas Parker e Lee, vindo a alcançar o auge por meio do publicitário Edward Bernays, que era sobrinho de Freud. Bernays apregoava: “as minorias informadas devem fazer uso contínuo e sistemático da propaganda porque somente elas entendem os processos mentais e os padrões sociais das massas” e podem “manejar os cordões que controlam a opinião pública” (Chomsky, 2002, p. 60).

Harold Lasswell⁵ enaltecia as maravilhosas e sutis técnicas da propaganda, que nas apregoadas sociedades democráticas, ou melhor, sociedades capitalistas, seria o meio mais viável de se substituir a coerção no controle de emoções, sem a necessidade de apelar para a violência física na conquista da obediência e passividade.

Lasswell reconheceu que a propaganda era da maior importância em sociedades mais livres e democráticas, nas quais o público não pode ser mantido na linha pelo chicote. Mantendo-se as normas predominantemente, ele advogava o uso mais sofisticado dessa “nova técnica de controle” do povo em geral, que é uma ameaça à ordem por causa da “ignorância e superstição (...) das massas”. Como explicou na *Encyclopedia of the Social Sciences*, não deveríamos sucumbir aos “dogmatismos democráticos sobre os homens serem os melhores juízes de seus próprios interesses”. Eles não o são; os melhores juízes são as elites – os homens ricos das “nações ricas” de Churchill – e, a quem devem ser assegurados os meios de impor seu desejo, para o bem comum. (Chomsky, 1996a, p. 112)

Nessa lógica, as massas seriam controladas por gestores ou terceiros, e estes cuidariam de seu “bem-estar”. Chomsky⁶ expõe mais sobre essa lógica tomando como base o argumento de Lippmann⁷:

Tudo isso corresponde à doutrina wilsoniana, conhecida como idealismo wilsoniano em teoria política. A visão de Wilson era a de que uma elite de cavalheiros com ideais elevados seria necessária para preservar a estabilidade e a retidão: “É a minoria inteligente de homens responsáveis que deve controlar a tomada de decisões”, explicou Walter Lippmann [...]. “A minoria inteligente é uma classe especializada, responsável pelo estabelecimento da política e pela formação de uma sólida opinião pública”, postulou Lippmann.

Bernays elaborou o manual da indústria de Relações Públicas em 1920 e foi colaborador do *Comitê para a Informação Pública de Woodrow Wilson*⁸, a primeira agência estatal de propaganda dos Estados Unidos. Neste manual, ele:

[...] começa chamando a atenção para o fato de que a manipulação consciente dos hábitos organizados e opiniões das massas é o aspecto central de uma sociedade democrática. Essa é a “essência da democracia”, como salientou depois. Ele disse que temos os meios de manipular essas cabeças, os meios de arregimentar a mente das pessoas, assim como os exércitos arregimentam eficientemente seus corpos. E que devemos fazer isso. Primeiramente, esse é o aspecto essencial da democracia. Mas também, como uma nota ao pé da página, esse é o caminho para manter as estruturas autoritárias e as estruturas de poder, a riqueza etc, grosseiramente do jeito que está. (Chomsky⁹, p. 13)

5. Lasswell foi uma das principais personalidades da ciência política moderna e iniciou sua carreira com pesquisas sobre a propaganda e seus usos no Ocidente (Chomsky, 1996a, p. 78).

6. In: Chomsky, N. (1997). Consentimento sem consentimento: a teoria e a prática da democracia. *Estudos Avançados*, 11(29), 259-276. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141997000100014>.

7. Walter Lippmann foi um importante intelectual progressista, o decano do jornalismo norte-americano, sendo um conhecido teórico democrático e comentarista dos negócios públicos (Chomsky, 1996a, p. 112).

8. Wilson foi descrito como “o grande generalíssimo do front da propaganda” por Harold Lasswell (Chomsky, 1996a, p.78).

9. Chomsky, N. (n.d). *Propaganda Ideológica e Controle do Juízo Público*. Rio de Janeiro: Achiamé.

Para a manutenção do status quo e do *establishment*, ou seja, para que as engrenagens do sistema financeiro possam continuar a operar de modo a privilegiar uma ‘minoría opulenta’¹⁰ e perpetuar os lucros, a propaganda passa a colaborar no sentido de manter as pessoas de um lado doutrinadas e de outro dispersas, e com isso, cooperar em prol de eliminar qualquer possibilidade de perturbação da ordem, de crítica, contestação, dissidência e resistência. “Este processo de “consentimento manipulado é a própria essência do processo democrático”, escreveu Bernays um pouco antes de ser agraciado, pela Associação Psicológica Americana, em 1949, por suas contribuições” (Chomsky¹¹, 1997).

Lippmann, que considerava o povo a ralé, articula uma então moderna ‘teoria democrática’ e passa a utilizar a expressão “horda complexa” para nomeá-lo. A esse público seria permitido uma democracia consultiva, com escolhas apenas ocasionais, já que o papel principal dos governados seria o de espectador e não participante. “Espera-se que ele se manifeste para ratificar decisões tomadas por outras pessoas, ou que selecionem seus representantes, no que conhecemos como “eleições”, dentre os membros dos setores dominantes da sociedade. Isso ajuda, porque legitimiza” (Chomsky, 1997, p. 17).

O controle do público por meio da propaganda é imprescindível nas ditas democracias, pois é a manipulação mais perspicaz, consciente e inteligente dos hábitos e opiniões das massas. E quanto maior o grau de liberdade, dentro de um espectro de tolerância permitida, mais é necessário acarretar uma opinião pública favorável aos interesses do capital. Entretanto, o que há é uma ilusão dos preceitos de liberdade e democracia, porquanto inexiste uma participação pública efetiva na tomada de decisões.

Considerações Finais

Neste trabalho foram discutidos alguns aspectos que envolvem o poderio norte-americano dentro âmbito das inferências de Noam Chomsky em momento crucial da história: a ascensão de uma nova ordem construída pelos setores privilegiados e privados da sociedade. O pensador combate as razões dos Estados Unidos de promoverem guerras e interferirem arbitrariamente em outros países conduzidos pelos interesses de um motor propulsor econômico que possibilitou a continuidade do então ‘Império’.

Ele revela que para angariar o apoio popular em relação às invasões em nações periféricas, foi necessário, sobretudo, investir em propaganda, impondo a doutrinação da ideologia neoliberal, além de difundir e espalhar o medo, de forma a obliterar o pensamento na fabricação de “inimi-

10. “O principal elaborador da Constituição, James Madison, enfatizou muito claramente nos debates da Assembleia Constituinte, em 1787, que o sistema todo devia ser projetado, como ele se expressou, “para proteger a minoria dos opulentos da maioria” – este é o propósito básico do governo, ele disse. Bem, esse é o modo como o sistema foi originalmente projetado nos Estados Unidos – e, no decorrer dos dois séculos seguintes, o projeto básico não mudou muito. A “minoría dos opulentos”, que têm em comum um definido interesse de classe, ainda controla as instituições do governo, tanto o Parlamento quanto o Executivo, enquanto a população em geral permanece altamente dispersa, separada e, como Madison também recomendou, fragmentada, de forma que as pessoas não pudessem unir para identificar e lutar por seus interesses” (Mitchell & Schoeffel, 2005, p. 421 e 422).

11. In: Chomsky, N. (1997). Consentimento sem consentimento: a teoria e a prática da democracia. *Estudos Avançados*, 11(29), 259-276. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141997000100014>.

gos”, ao incitar a crença na existência de “ameaças” que precisavam ser destruídas. Ademais, a doutrinação contribuiu ainda para perpetuar o terrorismo e a violação aos direitos humanos, fazendo com que tais condutas fossem aprovadas e aceitas como necessárias.

A doutrinação foi alastrada por uma torrente de propaganda, por meio de termos que visavam solapar ou enaltecer ideologias de acordo com os interesses e finalidades das elites dos setores dominantes. Chomsky observa os usos e apropriações de vocábulos que foram eficientes na doutrinação do público. Receberam nova nomeação e se tornaram bandeiras erguidas, naturalizadas e acatadas exatamente como esperavam e previam os estrategistas e os investidores. Houve uma inversão da realidade para fazer crer que eram os pobres que queriam pilhar os ricos. “A propaganda da Guerra Fria serviu ao propósito de intimidação por muitos anos. Inundada por esse dilúvio, a maior parte da população vive com o pavor de diabos estrangeiros prontos para descer sobre nós e roubar o pouco que temos” (Chomsky, 1996a, p. 34).

A guerra semiótica ou ideológica foi primordial para deturpar e atribuir outros significados às expressões de linguagem, uma forma de propaganda que se revelou eficiente no controle populacional. O sucesso foi tal que ainda é recorrente até mesmo em tempos de paz atizar e fomentar temores e ameaças. A doutrinação pela propaganda é salutar para iludir, confundir e subjugar o povo, bem como para instaurar um clima de insegurança e medo em relação a alvos previamente estabelecidos. São sempre falsificações, fraudes e distorções dos fatos e que correspondem, muitas vezes, aos seus contrários, o oposto do que aparentam ser. Até o conceito de mal pode ser defendido como bem e/ou vice-versa.

Referências bibliográficas

- Amaral, L. (1996). *A objetividade jornalística*. Porto Alegre: DC Luzzatto.
- Atem, G. N. (2008). Guerra semiótica, jornalismo e propaganda. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, V(1), 161-172.
- Barsky, R.F. (2004). *Noam Chomsky: a vida de um dissidente*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil.
- Chomsky, N. (1996a). *Novas e velhas ordens mundiais*. São Paulo: Scritta.
- Chomsky, N. (1996b). *Minoria prospera e a multidão inquieta*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Chomsky, N. (1996c). *O que o Tio Sam realmente quer*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Chomsky, N. (1997). *Segredos, mentiras e democracia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Chomsky, N. (1997). Consentimento sem consentimento: a teoria e a prática da democracia. *Estudos Avançados*, 11(29), 259-276. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141997000100014>.
- Chomsky, N. (n.d). *Propaganda ideológica e controle do juízo público*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- Chomsky, N. (2002). *O lucro ou as pessoas: neoliberalismo e ordem global*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Chomsky, N. & Barsamian, D. (2003). *Propaganda e consciência popular*. Bauru, SP: EDUSC.

- Chomsky, N. & Herman, E. S. (2003). *A manipulação do público*. São Paulo: Futura.
- Gellhorn, M. (2009). *A face da guerra*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Klapper, J. T. (1957). Os efeitos da comunicação de massa. In G. Cohn (org.), *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Companhia e Editora Nacional, 1972.
- Mitchell, P. R. & Schoeffel, J. (eds.) (2005). *Para entender o poder: o melhor de Noam Chomsky*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Prado, R. S. (2006). *Medo na mídia: uma visão distorcida da violência*. Monografia apresentada à Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Goiás.
- Schudson, M. (2010). *Descobrimos a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Petrópolis, RJ: Vozes.